

A ANGÚSTIA, COMO FAZÊ-LA FALAR?

COMISSÕES

COMISSÃO CIENTÍFICA : Patrick Barillot (Responsável do Encontro), Sandra Berta, Roser Casalprim Maresch, Nadine Cordova, Gabriel Lombardi, Diego Mautino, Beatriz Maya, Carmelo Scuderi, Marc Strauss, Anna Wojakowska-Skiba

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO : Cathy Barnier, Bernard Brunie, Aurélie Caulier, Dominique Champroux, Nadine Cordova (Responsável da organização), Frédérique Decoin-Vargas, Séverine Derrey, Nathalie Dollez, Alexandre Faure, Patrica Gavilanes, Dimitra Giannaka, Céline Guégan-Casagrande, Carole Leymarie, Fernando Martínez (Argentina), Lucile Mons, Tania Navarro, Kristèle Nonnet-Pavois, Claire Parada, Michèle Paperman, Jose Alejandro Pérez Betancur, Christine Silbermann, Irène Tu Ton, Anastasia Tzavidopoulou, Angélique Walter

INFORMAÇÕES

1º de maio : A psicanálise com crianças, e em instituições (REP, RIP, RHIPNA)
Symposium da passe

2 do de maio : Encontro internacional da Escola organizado pelo CIG-CAOE
SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM A ANALISTA

3 e 4 de maio : Encontro Internacional
A ANGÚSTIA, COMO FAZE-LA FALAR?

5 de maio : Assembleias Gerais da IF e da Escola

Tradução simultânea : francês, espanhol, italiano, português, inglês.

INSCRIÇÃO



AN GÚSTIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

1 - 5 MAIO 2024



XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA
ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS
DO CAMPO LACANIANO

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

IF-EPFCL-PARIS2024.CHAMPLACANIENFRANCE.NET
IF.EPFCL.2024.PARIS@GMAIL.COM

AN GÚSTIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

1 - 5 MAIO 2024

ARGUMENTO

Hoje em dia, a angústia está em todo lado, com nomes diversos. É um afeto experienciado por todos os falantes, desde sempre. Lacan a colocava na categoria do “sentir”, que envolve importantes manifestações corpóreas. Por que se esforçar para fazê-la falar em vez de fazê-la calar, como se procura fazer com o uso maciço de ansiolíticos e outros tranquilizantes?

É que supomos que ela tenha algo a dizer. Mas, ainda assim, é preciso encontrar uma maneira de fazê-la falar. Pois, para o sujeito angustiado, esse afeto é uma certeza, porém no modo de uma indeterminação, um indizível acerca do que a produz. Fazê-la falar, claro, mas ainda é preciso poder acreditar nela. Tratando-se disso, a clínica analítica nos ensinou que a angústia é o único afeto que não engana, enquanto todo sentido mente (*senti-mento / senti-ment*) sobre sua causa.

No entanto, como pode a angústia não enganar, posto que para o angustiado que a experiencia, sua causa permanece enigmática? É que, diferente dos outros sentimentos que derivam, metonimicamente, com os significantes, ela permanece amarrada ao que a produz, ou seja, um real. Sua certeza clínica nos assinala que ela não se refere ao significante enganoso e sim a um real. Daí a importância de fazê-la falar de modo a discernir o real que está em jogo para o sujeito que ela afeta. Lacan até fez dela, tardiamente, “o sintoma-tipo de qualquer advento Real”. Cabe a nós especificar suas diversas ocorrências. Todavia, algumas orientações!

Com essa fórmula, ele abrangia tudo o que teria dito anteriormente sobre ela, inclusive parte das teses de Freud. Concebendo-a no início como um efeito do recalque, resultado da privação pulsional que envolve o recalque, Freud reverte sua tese em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia* e seus *Adendos*. A angústia passa a ser a causa do recalque, seu motor. Ao efeito de castração acompanhado da angústia da falta – ligado às primeiras decepções da criança frente ao Outro parental que faz falta na resposta às suas demandas - Freud expande a angústia ao efeito do encontro traumático de toda neurose. Afeto de uma situação de desamparo – *Hilflosigkeit* – que deixa a criança sem recursos no seu encontro real com a excitação pulsional que exige satisfação, a angústia é causa do recalque e do aparecimento dos sintomas. A angústia frente a esse primeiro trauma torna-se, em seguida, um sinal de alarme, advertindo sobre um perigo.

No entanto, para Lacan, a angústia revela mais do que Freud dizia sobre ela com respeito à castração, pois, além da falta, ela toca na questão do ser do sujeito. Insistindo sobre as conjunturas da angústia, ele faz dela o afeto do enigma que diz respeito à causa do desejo, seja do Outro ou do sujeito. Seu aparecimento ocorre a cada vez que o sujeito se sente ameaçado de ser nada mais do que um obscuro objeto para o Outro. Esse vazio de significação também se encontra quando o enigma diz respeito ao seu próprio desejo o qual o sujeito não controla, já que ele deseja como Outro.

Aqui a angústia torna-se índice do objeto a nas relações que o sujeito mantém com o Outro nas vias do amor e do desejo. Foi a partir disso que Lacan disse que a angústia não é sem objeto. Enquanto Freud liga a angústia com a ameaça de castração e sua falta correlativa, Lacan inverte a tese elaborando uma nova estrutura da angústia que surge quando a falta vem faltar. Efeito de estranhamento, o *Unheimlich* “é aquilo que aparece no lugar onde deveria estar o menos-phi”² da castração.

Antes de diagnosticar “a ascensão ao zênite social do objeto que chamo pequeno *a*”³ como mais-de-gozo, com o desenvolvimento do discurso capitalista, ele concebe “uma mudança na própria amarração da angústia”, que faz do sujeito uma pura clivagem. Hiância subjetiva de um sujeito reduzido ao objeto, na medida em que ele falta, subjetivamente destituído, onde sua falta de gozar é preenchida pelos mais-de-gozo postos à sua disposição. E como consequência disso, o aumento do clamor social que exprime a aflição, o desamparo do falasser. A esse real do objeto *a*, que falta a se inscrever no Outro, real do simbólico, Lacan vai estender as conjunturas da angústia além do objeto, ao real fora do simbólico; é o que diz sua definição da angústia como “o sintoma-tipo de qualquer advento Real”.

Meio século depois, vamos questionar-nos sobre a evolução das formas de amarração da angústia de acordo com os discursos e o real fora do simbólico. A eco-ansiedade e o declínio da natalidade em todas as sociedades industrializadas, não seriam marcadores disso? Isso nos assinala que a angústia é sensível aos discursos, e a clínica nos ensina que a psicanálise, dela, alivia o sujeito. Mas de que modo procede o discurso analítico? Com certeza, não da maneira promovida por psicoterapias, pela gestão das emoções, outro nome dos afetos. A angústia é indomável, não é possível ordenar-lhe dormir.

Cabe a nós especificar o que, do inconsciente, da linguagem e dos discursos, determina a angústia, se quisermos poder tratá-la na análise, e em seguida dizer como opera o discurso analítico.

SUBTEMAS

Como fazê-la falar?

- Segundo suas amarrações contemporâneas
- Na criança e no adolescente
- Segundo os sexos

O tratamento da angústia segundo os tipos clínicos

A psicanálise e os tempos da angústia

A angústia fecunda

Patrick BARILLOT

Mai 2023

Pela comissão científica

Mai 2023

¹ Lacan, J. (1975) A terceira. In: *Textos complementares ao Seminário 22 – RSI* (1974-1975). São Paulo: Edição não comercial destinada aos membros da EPFCL-Brasil, p. 51.

² Lacan, J. (1963) O seminário, Livro X, A angústia. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005, p. 51.

³ Lacan, J. (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 411.

⁴ Lacan, J. (1969) O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 378.